



INSTITUTO DE HUMANIDADES -IH BACHARELADO EM HUMANIDADES

DENISE ARIEL DA SILVA LIMA

**ESTUDO SOBRE AS MULHERES REZADEIRAS NA LOCALIDADE DE
PIROÁS, REDENÇÃO-CE**

REDENÇÃO - CE 2023

DENISE ARIEL DA SILVA LIMA

ESTUDO SOBRE AS MULHERES REZADEIRAS NA LOCALIDADE DE PIROÁS,
REDENÇÃO-CE

Projeto de Pesquisa apresentado à Banca Examinadora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Bruno Goulart Machado Silva

REDENÇÃO - CE 2023

DENISE ARIEL DA SILVA LIMA

ESTUDO SOBRE AS MULHERES REZADEIRAS NA LOCALIDADE DE PIROÁS,
REDENÇÃO-CE

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do grau de Bacharel em
Humanidades pela Universidade da
Integração Internacional da Lusofonia
Afro-Brasileira (UNILAB).

Aprovado em: ___/___/___

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Bruno Goulart (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Nome

Instituição

Nome

Instituição

RESUMO

Este projeto de pesquisa propõe estudar o sistema de crenças e técnicas presentes no contexto de mulheres rezadeiras na comunidade de Piroás (Redenção-CE). Nosso foco se voltará para a maneira das rezadeiras exercerem suas práticas culturais e o processo das rezas, o modo de preparo e a recíproca das rezadeiras com quem as procuram. Utilizarei como princípio metodológico a observação participante que ajudará no desenvolvimento do estudo sobre as mesmas. Sendo assim, será investigado o sistema de conhecimento dessas mulheres na localidade citada, trazendo à tona a realidade e a maneira que elas se enxergam e dedicam-se para desempenhar seus feitos em determinado território.

Palavras-chave: Rezadeiras; Técnicas de cura; Piroás (CE).

ABSTRACT

This research project proposes the conversation system and techniques present in the context of women praying in the community of Piroás (Redenção-CE). Our focus will be on the way prayer women exercise their cultural practices and the process of prayer, the way they prepare it and the prayers reciprocate to those who seek them. I used participant observation as a methodological principle, which helped in the development of the study on them. Therefore, the knowledge system of these women in the locality will be investigated, bringing to light the reality and the way they see themselves and dedicate themselves to highlighting their achievements in a given territory.

Keywords: Prayers; Healing techniques; Piroás (CE).

SUMÁRIO:

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. OBJETIVOS.....	7
2.1. Geral.....	7
2.2 Específicos.....	7
3. DISCUSSÃO TEÓRICA E DELIMITAÇÃO DO TEMA.....	8
3.1. O ofício e os saberes das benzedeadas.....	8
3.2. A benzedeadas/rezadeiras de Piroás.....	12
3.2.1. As rezadeiras e suas práticas na comunidade.....	12
3.2.2. Os males curados pelas rezas.....	15
3.2.3. Os chamados para se tornar benzedeadas.....	17
3.2.4. Sincretismo das rezadeiras e processo de aprendizagem.....	18
4. METODOLOGIA.....	19
5. CRONOGRAMA.....	20
Elaboração de perguntas:.....	20
Organização de equipamentos:.....	20
Ida a campo - contato inicial:.....	20
Entrevista:.....	20
Organização dos dados:.....	20
Escrita dos resultados:.....	21
Edição de audiovisual:.....	21
Publicação de audiovisual e finalização do trabalho:.....	21
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	22

1. INTRODUÇÃO

Este projeto de pesquisa tem como objeto de estudo a análise da prática cultural do rezar e/ou benzer, mais precisamente, as especificidades e a tradição do ofício de rezadeiras/benzedadeiras. Para este estudo, deve-se centrar na localidade da serra de Piroás, situada no interior do município de Redenção-CE. Nesta localidade, tem-se conhecimento de três ou quatro mulheres que atuam nas práticas tradicionais da reza, utilizando rezas/benzas com o intuito de estabelecer e/ou restabelecer a saúde nos indivíduos que as procuram através de seus rituais. A reza e a benzeção são usados na comunidade de Piroás como sinônimos, com isso, o uso dos dois termos na pesquisa se dá pelo fato deles serem usados e reconhecidos pelas mulheres e pela própria comunidade estudada.

Grande parte da história dessas mulheres e das demais pessoas que exerceram essa função na localidade, tem as características comuns de terem aprendido com seus antepassados, desde suas infâncias e dos seus designados “chamados”. Isso porque para essas pessoas, rezar em alguém não envolve apenas o domínio de um conjunto de técnicas, mas um chamado, um dom que a elas foram concedidas. Discutirei melhor essa noção de dom ou de chamado à frente, porque parece ser isto o que guia o fazer-se rezadeira/benzedeira.

Segundo Vaz (2006, p. 89), a prática das benzedadeiras, de modo geral, carrega tradições diferentes que envolvem orações, rezas, simpatias e ensinamentos os quais são interpretados de maneira peculiar por cada uma das possuidoras do "Dom de Benzer". Isso mostra que há um ou vários elementos espirituais, pautados na crença e na fé, no contexto destas práticas. Assim, este estudo observará também as crenças religiosas e o cotidiano das rezadeiras, tendo ciência de que cada rezadeira tende a trabalhar com uma abordagem específica ou um sincretismo entre diversas perspectivas espirituais e religiosas.

Além disso, a oralidade tem parte fundamental na trajetória dessas pessoas, pois é uma das principais fontes de transmissão do estudo/conhecimento das benzedadeiras. Tais aprendizados dos costumes que são conhecidos e exercidos desenvolvem um papel de grande importância no progresso de suas histórias e do local onde residem. Assim, é fundamental entendermos que se trata sobretudo de algo cultural, reproduzido pela transmissão de conhecimentos por meio da reza. Isso acontece dentro de certas particularidades, porque pode variar de lugar para lugar, de comunidade para comunidade, de crença para crença e de prática para prática.

Isso porque, segundo Theotônio (2008), os procedimentos realizados por rezadeiras não seguem um padrão único. É necessário, então, que possamos conhecer, estudar e

compreender as práticas do rezar/benzer do modo como se manifesta em cada contexto etnográfico. Esse costume vem ao longo do tempo e de diversas sociedades e gerações, remontando, conforme Souza (1986), o período da Europa medieval e podendo hoje ser considerado patrimônio imaterial da humanidade.

Esta proposta de pesquisa veio através de minha visão sobre a comunidade e da minha trajetória. No terceiro semestre da graduação eu fiz uma disciplina chamada Metodologia da Pesquisa I, e foi aí que realmente optei por esse tema, pois já era algo bem presente em meu cotidiano. Por isso, a pesquisa se dá principalmente para homenagear as rezadeiras de minha localidade, Piroás CE, onde vivi até meus 21 anos. Mais particularmente minha avó materna, Maria de Jesus Avelino Da Silva, que é rezadeira e uma das mais antigas e conhecidas como tal pela nossa comunidade. Ela tem mais de 30 anos como rezadeira. Segundo ela, casou-se entre seus 17 anos de idade, e começou a atuar um tempo depois de casada, sendo assim, exerce essa função na comunidade há um grande período. Na comunidade é buscada para praticar a reza por diferentes pessoas, sejam elas crianças, recém-nascidos, jovens e os mais idosos da localidade e comunidade vizinhas – pessoas que saibam de suas rezas e creem em sua cura.

2. OBJETIVOS

2.1. Geral

Pesquisar a prática cultural da reza/benzeção realizada por mulheres na comunidade de Piroás, município de Redenção - CE.

2.2 Específicos

- Analisar as abordagens culturais e religiosas nas práticas do benzer;
- Pesquisar como é o processo de transmissão do conhecimento entre pessoas que praticam a reza;
- Investigar as técnicas de cura das benzedadeiras.

3. DISCUSSÃO TEÓRICA E DELIMITAÇÃO DO TEMA

Como já dito, o interesse pela pesquisa se dá em virtude de minha experiência na comunidade. Partindo deste princípio, neste tópico não trarei apenas autores que se dedicaram ao tema, mas também me basearei em conversas iniciais com as rezadeiras/benedeiras da comunidade, realizadas a partir de uma pesquisa prévia para a construção deste projeto de pesquisa.

A discussão teórica está dividida em duas partes. A primeira discutirá sobre os ofícios/práticas, técnicas das benedeiras, deixando evidente o uso de autores que falam sobre a temática central. A segunda, objetiva a aproximação com o território estudado, aprofundando a discussão sobre as rezadeiras e suas práticas na comunidade.

3.1. O ofício e os saberes das benedeiras

Conforme apontam Marin e Scorsolini-Comin (2017, p. 447), “a benzeção ou benzimento, como outras práticas religiosas e médicas populares, começou a se desenvolver no Brasil ainda no período colonial, no século XVII”. Com isso, a medicina popular pode ser considerada, como uma das primeiras práticas médicas desenvolvidas aqui e vindas através da oralidade. O que motivou o desenvolvimento dessas práticas, foi “a precariedade da vida material, marcada pela raridade de médicos, cirurgiões e produtos farmacêuticos, e o sincretismo dos povos, responsável pela formação multifacetada e afeita ao universo da magia” (Ribeiro 1997, p. 16). A partir daí foi-se aprimorando de acordo com o passar do tempo, de modo que hoje é utilizada em muitos territórios.

De acordo com Theotônio (2008), o ofício da rezadeira envolve o conhecimento de:

rezas, remédios e simpatias. Por meio destes mecanismos trabalha no sentido de promover a cura, em pessoas que sofrem de alguma doença como mal de monte ou mal de munturo, espinhela caída, dor de dente, dor de cabeça, mau-olhado, quebranto, ventre caído, peitos abertos, ramo, sol na cabeça, nervo triado, “desmentidura”, engasgo “de gente e de bicho”, ferida de boca e outros tipos de males. (THEOTONIO, 2008, p. 2).

As mulheres benedeiras/rezadeiras já sofreram e ainda sofrem com os preconceitos enraizados de serem vistas como mulheres ruins, contra o bem etc., apesar de isto vir mudando nos últimos tempos. Um exemplo é que atualmente já existem movimentos para mantê-las, garantindo que exerçam suas atividades com mais liberdade e tranquilidade. Porque durante muito tempo houve conflitos com relação a suas práticas/habilidades, entre os padres da Igreja e a medicina moderna derivada do saber científico.

De acordo com o documentário “Benzedeiras - ofício tradicional”, no interior do Paraná, nas cidades de Rebouças e São João do Triunfo, isso pode ser identificado. Para as benzedeadas dessas localidades poderem atuar livremente, teve que se criar um movimento/organização para mediar essa relação de conflitos de médicos, igreja e comunidade. Porque através de denúncias essas mulheres acabavam por ser impedidas de fazerem seus ofícios.

Ameaçadas de prisão e julgadas por serem ditas como charlatãs, que enganavam as pessoas por dinheiro. Criou-se uma ligação entre elas e a organização veio através de pessoas de fora das cidades para fazer esses encontros. Onde há trocas de experiência, seja de remédios/plantas e das próprias curas, para que essas mulheres e homens que fazem parte do meio pudessem ter entendimento de suas importâncias e principalmente de suas identidades como tal. Por isso, o que assegurava sua segurança foram as suas carteirinhas de identificação que funciona como um documento para legalizar a aptidão daquelas rezadeiras para exercerem suas práticas, tentando combater o preconceito e criando mais a valorização de tais.

Apesar dos atritos existentes nas áreas de curar pessoas também vêm existindo o trabalho das interligações de saúde e saberes populares dessas mulheres, como cita Vieira (2018, p.15): “Em algumas cidades de Estados brasileiros, rezadeiras e rezadores atuam junto aos médicos, como no Ceará e no Paraná.”. Ou em alguns casos é costumeiro também que elas quando vêm que não vão conseguir curar alguém, para além do processo da reza, pedem para que a pessoa enferma vá ao médico, posto, hospital, fazendo a interligação de seus saberes com os saberes científicos.

Mas, longe das sombras do preconceito, também existe a valorização do ofício em algumas localidades e comunidades tradicionais onde reconhecem seus valores ali inseridos e seus saberes ancestrais, passados de geração para geração, onde contam suas vidas em forma de tradição. Santos (2007), em “Ofícios das rezadeiras”, nos diz que é a fé que pode trazer a cura desde que haja a ligação de ambas as partes (rezadeira e paciente).

Esse ofício traz consigo também questões de gênero. Como afirma Santos (2007, p.62): “Essa questão da transmissão das rezas ser efetuada a partir das relações de gênero está intimamente relacionada com o poder de cura das rezas fortes” Com isso, os homens ditos como rezadores são vistos como tendo mais força em suas rezas e em seus ensinamentos. As próprias rezadeiras da localidade aqui estudada, também compartilham desse pensamento, como veremos a seguir.

Porém, são as mulheres que exercem em sua maioria o ofício. Santos (2009) nos lembra que geralmente o conhecimento particular e especializado de uma rezadeira é transmitido através de parentes próximos que dominavam rezas: as avós, as mães, as tias etc. Ou seja, essas mulheres já têm um hábito nas suas formas de rezar/benzer. Cada uma com suas particularidades cotidianamente dentro das maneiras de exercerem suas práticas, tendo em vista a influência que elas adquiriram ao passarem pelo processo de aprendizagem com outros(as) praticantes da mesma fé e ofício.

Por isso, cada mulher tem uma abordagem na hora de exercer suas funções como mestra da cura, escolhendo o que vão e/ou o que devem usar para cada caso específico, como a escolha das plantas utilizadas. Mas apesar disso, Santos (2007) aponta que elas têm uma sistematização na maioria das vezes nos ensinamentos da reza. As plantas usadas por quem reza/benze podem ser diversas, porém cada mestre(a) as escolhe para o uso no processo que será feito. Suas maneiras e trejeitos são diferentes e iguais ao mesmo tempo, pois suas singularidades estão unidas com um contexto maior, que são as formas e regras não tão específicas, mas seguidas na hora de se fazer a prática.

Então, dentro da prática das rezadeiras são notáveis alguns elementos herdados das diversas matrizes culturais brasileiras, por exemplo, o uso de ervas (ramos), as rezas fortes, que algumas rezadeiras dizem somente rezar em situações de "grandes apereios". (SANTOS, 2009, p. 37)

Segundo Santos (2009), para compor o ritual de cura, as rezadeiras podem utilizar vários elementos: ramos verdes, gestos em cruz feitos com a mão direita, agulha, linha, pano e reza.

Para além dos instrumentos usados para a reza que compõem de forma parcial o objeto da pesquisa, ainda são usados alguns recursos naturais para fazer bebidas que prometem a cura. Como será citado mais abaixo, o catimbó de jurema, por exemplo, também é uma bebida típica das curas e rituais no Nordeste, existindo também as famosas garrafadas, xaropes caseiros, chás etc.

Sobre a importância deste ofício, existem trabalhos que tendem a considerar a benzedeira como elemento imaterial da cultura local e nacional (CALHEIROS, 2018; NASCIMENTO, AYALA, 2013), o que pode fortalecer a necessidade de preservação dessas práticas junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que executa as diretrizes do Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI). Isso acaba por contribuir

para a continuidade dessa atividade nas localidades, principalmente rurais, no interior do Brasil.

Como aponta Goulart (2021), no centro dessa discussão está o fato de que o surgimento do conceito de patrimônio imaterial acarreta novos entendimentos sobre as políticas patrimoniais. Se antes a categoria de patrimônio imaterial seria uma consequência da crítica à noção eurocêntrica de patrimônio – associada aos grandes monumentos, as edificações com arquiteturas exemplares de períodos históricos – do ponto de vista da política de preservação, agora, mais do que no bem em si, o foco se volta para a salvaguarda dos processos que permitem a existência e continuidade social de determinada manifestação cultural. É isso que nos permite falar da prática da benzeção/benedura como um patrimônio imaterial da cultura popular.

Muitas das que praticam o ofício aqui em questão são mulheres sem letramento ou com baixa escolaridade formal. Porém, como afirma Santos (2007):

Por não dominarem os códigos da escrita, a grande maioria das rezadeiras aprendem as rezas de cura através da oralidade, ou seja, ouvindo as rezas e observando os gestos realizados por outras rezadeiras. (SANTOS, 2007, p.68).

As Benzedoras sentem ter a missão de cuidar de vidas, que seus saberes vieram além de oralidade e de famílias, se dá pelo “dom de Deus” dado a elas, vontade e/ou obrigação. Tudo pela ajuda das pessoas e suas comunidades. O bem-estar de seu povo. Tendo-se assim para a grande maioria a necessidade de exercer o que elas acreditam ter nascido ou sido chamadas.

Percebe-se pela descrição que existe na função de rezar o comprometimento de atender, curar, tratar a pessoa, caso contrário, pode ter o risco de se perder o dom, pois é uma permissão divina, a pessoa nasce com dom a partir da permissão de Deus. (SILVA et al., 2022, p. 68)

Como dito, as pessoas enxergam nas rezadeiras, uma pessoa diferenciada, agraciada por um dom divino. As que possuem mais experiência já exerceram seus saberes para muitas pessoas que as procuram, até mesmo sem as conhecerem de fato, mas só de ouvir falar de seu ofício e seus feitos.

Com isso, torna-se evidente a relevância de pesquisas como esta, para discutir temas importantes quando o assunto é a abordagem de um fenômeno religioso como prática cultural, porque, como produto da cultura, as práticas religiosas são resultado de processos

históricos e sociais, não são imutáveis nem estáticas, mas dinâmicas. Elas mudam com o passar dos anos e são atravessadas por diversas questões de natureza cultural.

3.2. A benzedeiros/rezadeiras de Piroás

Como afirmado anteriormente, este projeto propõe abordar o contexto das crenças e vidas no cotidiano das rezas das benzedeiros/rezadeiras da localidade de Piroás (Redenção - CE). A localidade se situa na zona rural, em uma das serras que fazem parte do entorno do município da cidade de Redenção - CE (a 18 km aproximadamente de distância do centro do município). Torna-se mais conhecida, por ser próxima da Cachoeira de Paracupeba, localizada em Barra Nova, um ponto turístico bastante conhecido no município.

O nome da comunidade, segundo os próprios moradores, se deu por conta de uma árvore que antes era bem conhecida no local, chamada de Pau Piroás. Infelizmente a serra de Piroás não tem mais acesso a esta árvore, devido ao próprio avanço da comunidade com suas casas, havendo o desmatamento para a construção de tais. Segundo Marília Lima Costa, agente comunitária de saúde da localidade, estima-se que existam 302 famílias na comunidade, denominada "Piroás de Cima", que é onde a pesquisa será feita – pois Piroás é dividida em duas partes, Piroás de Cima e a de Baixo.

Durante muito tempo, na localidade estudada, houve não apenas mulheres na prática das rezas, mas também homens. É algo cultural e tradicional, tendo em vista suas maneiras de transmissão, seus conhecimentos, costumes e suas próprias vidas, o que mostra o impacto que isso tem na vivência dessas pessoas.

3.2.1. As rezadeiras e suas práticas na comunidade

As rezadeiras têm em suas raízes de vida o sincretismo, justamente o que forma sua parcela na religiosidade. Elas mantêm essa continuidade com o uso dessa cultura e costumes tradicionais, contribuindo para a preservação do patrimônio cultural e suas relações do patrimônio intangível.

Importante de se pensar e observar atualmente é que dentro da comunidade se tem apenas mulheres exercendo esse ato de rezar e benzer. Todas as pessoas com as quais tive contato, falavam sem exceção que nos seus primeiros inícios de reza e ensinamentos aprenderam pela oralidade de homens, onde elas ouviam com atenção seus saberes e observavam suas práticas e fazeres. Para elas, o poder da reza de alguns dos homens era mais forte e servia mais. Eram pessoas mais experientes para essa função de curar.

Pelo que se sabe, na localidade, apenas um homem ainda é chamado de rezador, porém não mais o pratica, pois está debilitado de saúde e as pessoas não o procuram mais para as rezas. Mas o respeito pelo que já se aprendeu ou pelo que ele já realizou continua.

Dentro da comunidade, as mulheres rezadeiras são vistas com respeito, não somente a elas como seres humanos, mas respeito às sabedorias que elas trazem consigo, o respeito para com os mais velhos e toda a representação social do poder da cura que elas possuem.

As gerações anteriores sempre tiveram muita influência da Igreja Católica nessas práticas e no conhecimento sobre elas, pois o contrário disso seria visto como algo ruim para dentro e fora da localidade em si. Ao longo de estudos em diversas vertentes desse segmento de rezadeiras/benedeiras e observando as práticas dessas mulheres, vemos que há junção de culturas e de religiões. Como já pontuamos, segundo Santos (2009), apesar de aproximar-se mais dos dogmas da religião católica, as rezadeiras utilizam uma série de elementos em seus rituais advindos do catimbó, tendo-se aí justamente este sincretismo.

O catimbó também se dá através destas mesclas de interligações com religiões, como as de matrizes africanas, catolicismo e indígenas aqui do Brasil. O catimbó é cultuado com foco em elementos da natureza, como terra, fogo, água e ar. Esses são elementos que as rezadeiras utilizam, onde podemos encontrar os ramos, as plantas pelas quais elas preferem rezar/benzer e fazer bebidas para a saúde também. O Catimbó tem a planta jurema como central nos seus rituais, sendo ofertada como remédio de cura. Ele é similar à cultura das rezadeiras, pois dá sentido às práticas desses costumes e a procura das pessoas em relação à cura, a magia para resolver possíveis problemas que tenham ou venham a ter chefiado por mestres e mestras dos saberes tradicionais. Com isto percebemos o sincretismo novamente fazendo parte, como o caso das mulheres desse projeto de pesquisa que sincretizam seus costumes católicos e suas experiências com o que elas nomeiam em Piroás como “macumba”.

Alguns autores têm destacado que esta prática pode ser lida como sincrética:

Rezas, benzeduras e cumprimento de promessas revelam uma prática religiosa sincrética. Era a junção da pajelança indígena, dos cultos Afro, do catolicismo lusitano e das experiências que surgiam no cotidiano - como a tentativa de eliminar o informativo ou de dar sentido às situações inexplicáveis de acordo com o instrumental religioso que os habitantes desse lugar dispunham - que se manifestava nesse catolicismo interiorano, diferenciado do catolicismo das regiões litorâneas, mais próximas do olhar controlador do clero. (ARAÚJO, 2008, p. 110).

Em Piroás esse sistema de cura coexiste com o sistema médico ocidental, com seus remédios, exames e diagnósticos próprios. Assim, temos na vida cotidiana estes dois sistemas caminhando juntos, de forma complementar. Essa existência compartilhada entre medicinal tradicional e ocidental também é a realidade de outros contextos, como é o caso da Serra do Evaristo, onde há um renascimento da prática da reza e da medicina popular nas últimas décadas.

As plantas mais frequentes usadas pelas mulheres na localidade que este projeto se propõe a investigar são o Pinhão e a Vassourinha, plantas típicas na localidade. Esta questão das plantas usadas nos processos de benzer varia de acordo com as regiões do país. Em cada local a crença e a forma que a benzedeira gosta de rezar pode mudar.

Minha avó, Maria de Jesus, rezadeira a qual conversava, abordou essa questão de chás e infusões para as práticas de curar, que ela conhece ou já ouviu falar, inclusive quando se referiu a um dos males chamado Mal de Ramo, o AVC no conceito da medicina, dizendo que existiam chás feitos no passado para tentar curar, antes da doença ocorrer ou levar à morte. Chás esses que, segundo ela, existiam para serem dados às pessoas, usando o gergelim, o grão de mostarda e a hortelã, fazendo uma mistura batida e morna para o doente beber.

Atualmente, na localidade onde a pesquisa será feita, muitas das pessoas que nela residem, prezam pela cura de determinadas doenças através de chás feitos por elas próprias, como é o caso do chá da folha da goiabeira, que serve para “dor de barriga”, a disenteria, além do chamado capim santo e do boldo para o estômago entre outros. Mas, o uso das plantas é apenas um dos muitos elementos dessa prática.

Uma das práticas que acontecem de forma recorrente na comunidade, é quando alguém está doente e busca a reza para melhorar. Essas pessoas vão à procura das rezadeiras em suas casas e/ou pedem que elas se dirijam às suas, quando não tem a possibilidade de saírem do local. Às vezes, devido à própria enfermidade, as rezadeiras vão ao encontro do enfermo pessoalmente. Outra forma, são as rezas são feitas de longe para pôr a intenção do nome da pessoa colocada na oração ou de forma virtual, através de ligações ou chamadas de vídeo.

Não existindo horários específicos ou dias, essas mulheres recebem pacientes e perguntam por qual enfermidade ela gostaria de rezar. De forma presencial, o ato do benzimento se dá com a rezadeira em frente à pessoa, ou ao animal ali sozinho e/ou com alguém a segurá-lo. Geralmente com a pessoa está sentada, onde a rezadeira coloca sobre sua cabeça as mãos com três ramos, ramos esses das plantas já citadas acima. A rezadeira

pergunta o nome da pessoa e começa o processo da reza. Ela faz o ponto em cruz, que é o conhecido (pai, filho e espírito santo) na forma de se benzer. Depois a rezadeira fala a reza específica para a doença, dependendo do mal a qual a pessoa deseja ser curada. Rezas essas que normalmente têm traços parecidos e análogos a outras localidades, como os ditos “levem paras ondas do mar sagrado”, frase usada no final de cada reza/oração. O tempo limite da reza dura de acordo com a oração dita ali, orações essas que muitas vezes não dão para serem entendidas por quem está recebendo o tratamento da benzedeira, pois elas os pronunciam de forma baixa, quase que silenciosa, justamente, fazendo-se algo mais íntimo e particular devido a algumas rezas elas acharem fortes e não quererem compartilhar para mais pessoas e/ou por medo também de perderem seus dons.

A quantidade de vezes das rezas na hora do benzer pode variar de rezadeira para rezadeira, geralmente variam entre três e sete vezes, pois o número de vezes influencia na força da mesma e conseqüentemente da cura. Após o processo da benzeção a rezadeira joga o ramo fora, pois para elas ele contém a enfermidade, e muitas das vezes ramos esses que murcham durante o processo, e, por isso ninguém pode tocá-los depois do ritual. Algumas vezes as rezadeiras sentem que adquiriram tal mal que elas rezaram, então rezam ou fazem banho para si mesmas com a intenção de não ficarem doentes.

Já no modo virtual ou distante, a reza é feita através de uma chamada de vídeo, áudios, e por meio de fotos ou roupas. A rezadeira recebe o pedido e faz a intenção da oração colocando o nome da pessoa e porque ela precisa da reza. A interligação entre as mesmas, quando se é por distância, também pode se dar por meio de uma peça de roupa da pessoa (blusas, shorts etc.) na qual se reza sobre.

Contudo, a partir do que já foi dito, torna-se nítido que a crença de benzer e rezar remete aos saberes dessas mestras nas rezas. O ritual é um dos pontos que será desenvolvido na pesquisa a ser realizada. Minha intenção até aqui foi mostrar alguns aspectos do ritual em Piroás, a partir de um levantamento inicial.

3.2.2. Os males curados pelas rezas

Começando a falar sobre os males, citados acima no texto, onde Theotonio (2008) fala sobre rezadeiras e alguns males que elas curam, eu conversei com algumas mulheres rezadeiras de Piroás. A partir dessa conversa inicial, elas deram suas percepções sobre as mesmas. As conversas envolveram inicialmente pessoas próximas do meu convívio – minha avó materna, minha tia-avó e uma prima distante. Esta pesquisa prévia, veio através dessas

conversas em família, de maneira informal em contações de histórias por elas, suas experiências ao longo dos anos e com isso fui me interessado em saber e estudar mais sobre o tema e suas problemáticas. Os nomes das doenças recorrentes eram, Mal de Monte ou Munturo, Espinhela Caída, Dor de Dente, Dor de Cabeça, Mau-Olhado, Quebranto, Vento Caído, Peitos Abertos, Ramo, Sol na Cabeça, Nervo Triado, Engasgo de Gente e de Bicho, Ferida de Boca entre outras.

Aqui vou dizer o que é alguns desses males que no caso são as doenças que as pessoas procuram para que elas as curem e/ou deem algum jeito em suas enfermidades. Espinhela Caída, se refere a pegar peso demais e/ou correr rápido. Dor de Dente e Cabeça são as dores que as pessoas costumam sentir nessas partes do corpo. No Mau-Olhado e Quebranto conhecido por elas como Quebrante, são a mesma coisa e se dá devido à inveja, fazendo a pessoa ficar esmorecida, abatida e até com febre. Sobre o Vento Caído, é bem parecido com a Espinhela Caída, só mudando alguns sintomas como dor no peito e falta de ar e a reza em si para cada uma. Segundo as benzedadeiras, o mal chamado Ramo é hoje em dia conhecido como Acidente Vascular Cerebral (AVC).

Já o Sol na Cabeça era quando a temperatura estava alta e com a quentura o sol entrava na cabeça da pessoa. Chegando às vezes até borbulhar ou ferver uma água sobre a mesma. No Engasgo de Gente ou de Bicho é quando a pessoa ou o animal fica com algo preso na garganta, seja devido a comida, água etc. Ferida de Boca é a candidíase oral, bolhas, vermelhidão ou conhecido como sapinho. E, por fim, o nervo triado são os ossos quebrados, desmentidos ou machucados.

Quando pergunto sobre outros males conhecidos por elas, as mesmas citam as doenças que elas também já têm costume de rezar, como é o caso do Cobreiro. Nesse caso, apenas uma das rezadeiras da localidade sabe rezar. Para este estudo, chamaremos essa rezadeira de Luzia¹. Essa rezadeira não revela como se reza e benze essa doença. Segundo ela, ao passar a reza para alguém, perde-se a força da reza e ela não terá mais esse “dom”, que foi o caso que aconteceu com o pai dela, quando a ensinou a rezar. Luzia conta que aprendeu a rezar com 45 anos de idade, diferente das demais rezadeiras da localidade, que geralmente começaram seu percurso na reza desde a infância.

De acordo com a rezadeira Maria de Jesus Avelino da Silva, 78 anos, outro mal comumente abordado é a chamada Vermeá, que aparece em crianças e se caracteriza por vermelhidão no corpo da criança e febre. Outra doença comum é a Rabugem, conhecida

¹ O nome real da rezadeira não estará aqui, pois, segundo ela, apesar de rezar e ser grata pelo dom da reza e da cura, ela não gosta de ser rezadeira e pediu para não ser identificada.

também como impinge e rezada por Maria Rita Silva Ferreira, 74 anos. Ela reza também contra o Izaqui, que é o vermelho no pescoço da criança. Essas doenças são como as especialidades de cada uma dessas mulheres. Isso não significa que elas não rezem para

outros males. A questão é que elas são conhecidas popularmente pelo domínio específico de determinadas rezas para cura de certos males e/ou doença.

3.2.3. Os chamados para se tornar benzedeiros

Em uma das conversas com moradores de Piróas, realizadas com o intuito de levantar informações iniciais para a escrita deste projeto, perguntei a um senhor da comunidade se ele gostaria de se tornar benzedor. Ele me disse que não, pois para tal precisaria de dom e do chamado e não apenas possuir vontade e saber técnico.

Os designados “chamados”, que eles dizem não ter vindo por vontade, e sim por vocação, é o hibridismo entre o querer e o poder, pois não é só desejar fazer algo, é realmente pertencer ou se sentir pertencente ao meio e o peso da responsabilidade que há em querer praticar e aprender as rezas. É algo que não envolve apenas o domínio de um conjunto de técnicas, mas um chamado, um dom que a elas foram concedidas.

A ideia do chamado surge a partir do contato com o espiritual, que é gerado a partir da fé, e suas obrigações para com a comunidade, pois mesmo tendo esse dom/chamado, podem não querer realizar tais práticas, porém se veem no dever de executá-las em virtude dos motivos já ditos.

Contudo, as rezadeiras da localidade dizem que o chamado é desenvolver o aprendizado da reza, acreditando em si próprias, na sua própria força de rezar e curar alguém. Pois não ter fé no que se faz, é não produzir. E quem é rezado/curado deve também ter a fé no que se é recebido. Assim, é necessário reciprocidade para ambas as partes, tanto para quem as procura, quanto para elas, pois ter fé no que se faz é o mais importante.

Como já mencionado antes, o dom ou a dita vocação para exercer essa função, não é algo que se escolhe, elas mesclam com o aprendizado, com suas experiências através das rezas e dos processos da cura dentro da rotina que elas têm.

3.2.4. Sincretismo das rezadeiras e processo de aprendizagem

Outro tema que neste levantamento inicial foi feito, foi sobre o pertencimento religioso delas. Todas as três benzedadeiras com quem conversei rezam oferecendo a Deus e aos santos, me dizendo que suas rezas eram regidas pelo catolicismo. Porém, elas também reconhecem outras religiões e as incorporam.

Eu acredito no catolicismo e na macumba, eu já fui curada várias vezes, 3 a 4 vezes na macumba. E acredito. Mas só rezo em nome de Deus e santos. Pois macumba só quando vou atras” (Maria de Jesus Avelino da Silva, 78 anos). Antigamente eu seguia no espírita, eu tenho mediunidade de nascença. Rezo em nome de Jesus, Maria e José, se a pessoa tiver fé ela se cura, acredito no espiritismo, mas tenho medo. (Maria Rita da Silva Ferreira, 74 anos).

Para Maria de Jesus, ela reza com gosto e prazer de rezar, Deus abençoa para as pessoas ficarem boas. Segundo ela, usa-se a fé tanto dela, como das pessoas que forem procurá-la. Porque se não tiver, não serve. Maria de Jesus é uma das rezadeiras que aprendeu a rezar com um dos moradores antigos da comunidade. Ela o chama de compadre Lulú. Logo após seu casamento, ela já era procurada pelas pessoas para rezar/benzer. Aprendeu a executar isso de perto das pessoas, seja em sua própria casa ou na casa de quem está com alguma enfermidade. Porém, hoje em dia, quando alguém pede a oração de longe, ela reza pelo celular, apesar da distância das pessoas. Por isso, para ela, acreditar é o mais importante, independente da tradição religiosa seguida pelo paciente. Já Maria Rita, quando está distante da pessoa, reza em uma árvore e se dedica à pessoa enferma.

“eu não aprendi mais coisas, porque não tive interesse em saber ler, porque se eu soubesse saberia de mais reza, eu ia anotando e tinha até hoje, porque tudo que sei, está na minha cabeça, e eu já sou velha, minha memória já não é tão boa e eu vou esquecendo das coisas” (Maria de Jesus Avelino da Silva, 78 anos).

Os temas abordados neste tópico, mais do que oferecer resposta, pretende apontar caminhos para a investigação futura, abrindo possibilidades de compreensão etnográfica dos temas de modo mais aprofundado. Para isso, propõe-se um estudo que seja capaz de abordar essas questões e que será desenvolvido com base nas especificações definidas no próximo tópico, que aponta para a metodologia da pesquisa a ser realizada.

4. METODOLOGIA

A pesquisa a ser realizada será do tipo qualitativa. O estudo se guiará por meio de entrevistas, anotações e coleta de materiais audiovisuais, de acordo com a permissão das mulheres/pessoas da comunidade, junto à observação participante. Este último permite vivenciarmos os valores, atitudes, crenças, técnicas etc. destas rezadeiras.

Uma das fontes de informação é minha própria trajetória, pois meu próprio crescimento de infância e na vida adulta foi dentro desse meio de rezas feitas por rezadores(as). Cresci ouvindo e vendo as histórias de minha avó materna, mais conhecida como Maria Romão, uma das mais antigas na reza do lugar onde me criei. Já fui rezada tanto quanto criança, quanto adulta e presenciava e presencio esse costume que se tem no lugar de onde venho.

Somado a isso, realizei entrevistas abertas nas casas das rezadeiras, de forma a compreender o processo de rezar e tornar-se rezadeira. Estas entrevistas serão focada na sua trajetória de vida, visto que com essa metodologia nos permite acessar esse processo formativo das mesmas como rezadeiras. Estas entrevistas serão realizadas com as mulheres rezadeiras existentes na comunidade. Por guardar grau de parentesco e familiaridade com a pesquisadora as entrevistas podem ser facilitadas.

Uma das questões que irá desenvolver na pesquisa é uma investigação sobre a trajetória dessas benzedadeiras e sua formação no ofício. Entre seus aprendizados orais/visuais e não somente escritos. E com tais trocas pretende-se que o trabalho retrate a vidas das mesmas e traga benefícios à comunidade e reconhecimento para as rezadeiras de Piroás.

5. CRONOGRAMA

Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Etapa												
Elaboração de perguntas	X	X										
Organização de equipamentos			X	X								
Ida a campo - contato inicial					X							
Entrevista						X						
Organização dos dados							X	X				
Escrita dos resultados									X			
Edição de audiovisual										X	X	
Organização para publicação												X

Elaboração de perguntas:

Nesta etapa, irei elaborar as perguntas, utilizando uma ordem de coerência para que não fiquem perguntas deslocadas e deixe a entrevista sem sentido. Fazendo com que o entrevistado(a), se envolva com a mesma, com perguntas objetivas e diretas, sem deixar ambiguidades.

Organização de equipamentos:

Me atentarei à procura de equipamentos para utilizar para gravação no dia da entrevista. Ao consegui-los, irei realizar testes para ver como funcionam para que não aconteçam empecilhos no dia da gravação.

Ida a campo - contato inicial:

Irei à localidade de Piróas, falar com algumas rezadeiras/benedeiras da comunidade, para ver a disponibilidade delas para a entrevista, bem como instruí-las de como será o processo, com a finalidade de esclarecer dúvidas sobre a pesquisa e informar os(as) envolvidas.

Entrevista:

Irei à comunidade mais uma vez, no dia que foi marcado no contato inicial, com os equipamentos e perguntas elaboradas, com o objetivo de coletar o máximo de dados possível sobre a realidade vivida pelos(as), entrevistados(as).

Organização dos dados:

Organizarei os resultados e dados obtidos na entrevista, conferindo anotações e visualizando o audiovisual gravado, com a finalidade de detectar tudo o que fui capaz de conseguir na etapa anterior.

Escrita dos resultados:

Realizarei a escrita dos principais dados obtidos no trabalho, de modo que, nesta etapa também vou escrever as considerações finais e finalizar o trabalho a partir dos dados coletados.

Edição de audiovisual:

Buscarei programas de edição para unificar as gravações feitas e juntá-las de uma forma que fique coerente, utilizando todos os recursos que estiverem disponíveis para mim, fazendo com que minha produção tenha grande destaque no quesito identidade visual, agregando assim, mais qualidade ao conteúdo.

Publicação de audiovisual e finalização do trabalho:

Nesta última etapa, realizarei a publicação da entrevista em formato de documentário na plataforma YouTube, para que ganhe destaque e torne-se algo que leva à cultura de rezar/benzer para além da comunidade. Também finalizarei o trabalho, dando os toques finais e deixando o mesmo pronto para publicação.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Ordália Cristina Gonçalves. Entre o real e o ideal: a tentativa de protestantização do campo religioso goiano. In: Serpa, EC, Magalhães, S M. de (orgs.). **História de Goiás: memória e poder**. Goiânia: Ed; da UCG, 2008.
- BURKER, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna: Europa, 1500-1800**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CALHEIROS, KRJD. A cura através da fé: um olhar sobre as benzedeadas/rezadeiras alagoanas. **Revista Fórum Patrimônio: Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável**, 9(2), 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/forumpatrimo/article/view/34063>. Acesso em: 29 out. 2023.
- GOULART, B. Notório Saber para os(as) mestres(as): caminhos para o reconhecimento institucional dos saberes tradicionais. n. especial: **Encontro de Saberes: Transversalidades e Experiências** - v. 2, 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistamundau/article/view/11002>. Acesso em: 25 out. 2023.
- MARCHI, L. **Benzedeadas - ofício tradicional**, Youtube: 01/08/2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eBPegB3IIU0&t=1290s>. Acesso em: 23 mar. 2024.
- MARIN, Raquel Cornélio; SCORLINI-COMIN, Fábio. Desfazendo o “Mau-olhado”: magia, saúde e desenvolvimento no ofício das benzedeadas. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 37(2), 446-460, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/bKCy6WKB3fb3TbZwWPK7DZw/?lang=pt>. Acesso em: 30 out. 2023.
- NASCIMENTO, DG; Ayala, MIN. As práticas orais das rezadeiras: um patrimônio imaterial. Dossiê: Voz e Interculturalidade (UFRGS) **Nau Literária: crítica e teoria de literaturas**, v: 09, n.2, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/43698>. Acesso em: 07 nov. 2023.
- RIBEIRO, M. M. (1997). A ciência dos Trópicos. A arte médica no Brasil do século XVII. São Paulo, SP: Hucitec.
- SANTOS, F. **O ofício das rezadeiras como patrimônio cultural**: religiosidade e saberes de cura em Cruzeta na região do Seridó Potiguar. *Revista CPC*, São Paulo, n. 8, p. 6-35, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/15647>. Acesso em: 03 nov. 2023.
- SANTOS, F. **O ofício das rezadeiras**: um estudo antropológico sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças em cruzetas/RN. Natal - RN, 2007.
- SANTOS, LG. **A inserção das benzedeadas no meio popular** (Pires do Rio e Palmelo). 2016. 100 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas e da Terra) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2016. Disponível em: <https://tede2.pucgoias.edu.br/handle/tede/3363>. Acesso em: 02 nov. 2023.
- SILVA et al. **A Ritualística do Ofício de Rezadeira**: Uma Etnografia em Comunidades Quilombolas de Macapá, Amapá: *Revista Tempo Amazônico*, 2022.

SOUZA, L. de M. e. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

THEOTONIO, A. **Práticas de rezas**: oralidade e cultura no cotidiano das rezadeiras. XIII Encontro Estadual de História, Guarabira-PB. Anais. p.01-07, 2008. Disponível em: http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/autores.htm. Acesso em: 26 out. 2023.

VAZ, V. **As benzedeadas da cidade de Irati**: suas experiências com o mundo, e o mundo da benzeção. 2006. 148f. Dissertação – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/12937>. Acesso em: 02 nov. 2023.

VIEIRA, S. **“Para as ondas do mar sagrado”**: uma etnografia dos rituais de rezadeiras e moradores de Delmiro Gouveia, sertão de Alagoas. Maceió - AL. 2018.